

Norbert Elias, comunicação e transformações contemporâneas

Norbert Elias, communication and contemporary transformations

DOI:10.34117/bjdv7n10-468

Recebimento dos originais: 07/09/2021

Aceitação para publicação: 30/10/2021

Tatiana Lima da Silva

Mestra pelo Programa de Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/UFAM)

Instituição de atuação atual: Centro Universitário do Norte (Uninorte)

Endereço : Avenida Joaquim Nabuco, 3025 – Unidade 06. 69.141-005

Centro. Manaus-AM

E-mail: tatianalds09@gmail.com

Michel Justamand

Doutor em Ciências Sociais/Antropologia pela PUC/SP

Instituição de atuação atual: Professor Associado II do Departamento de História da

Arte – DHA, da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP/Guarulhos-SP e

Permanente do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia –

PPGSCA, da Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Endereço : Estr. do Caminho Velho, 333 - Jardim Nova Cidade, Guarulhos - SP, 07252-312

E-mail: micheljustamand@yahoo.com.br

RESUMO

O presente artigo busca relacionar as hipóteses contemporâneas de comunicação, conceituadas por Hohfeldt (2007), com as descrições de configuração, interdependência e relações de poder do sociólogo Norbert Elias, mostrando como o jornalismo se constitui em um sistema que seus profissionais, ao mesmo tempo em que dependem de seus consumidores de notícia, estão sendo demandados por donos dos meios de comunicação, que formam em si uma relação de poder e monopólio, tanto quanto ao grupo de jornalistas, quanto sobre a sociedade no que estrutura e influencia os assuntos que serão abordados pela população.

Palavras chave: Norbert Elias, comunicação, relações de poder, transformações contemporâneas.

ABSTRACT

This article seeks to relate the contemporary hypotheses of communication, conceptualized by Hohfeldt (2007), with the descriptions of configuration, interdependence, and power relations of the sociologist Norbert Elias, showing how journalism is constituted in a system that its professionals, at the same time that they depend on their news consumers, are being demanded by media owners, who form in themselves a relationship of power and monopoly, both as to the group of journalists, and on society in what structures and influences the issues that will be addressed by the population.

Keywords: Norbert Elias, communication, power relations, contemporary transformations.

1 INTRODUÇÃO

O sociólogo Norbert Elias se dedicou a estudar a relação do termo sociedade e indivíduo, explanando que não há como esses dois conceitos serem separados, mostrando que em ambos os conceitos há uma relação de interdependência. Nesse contexto, de relações interdependentes, configurações e relações de poder se constitui uma teia que pode ser aplicada à diferentes grupos sociais.

No presente texto¹, o grupo escolhido foi o da produção de informação: o jornalismo. Neste campo, julgamos que se pode perceber uma forte influência sobre a sociedade como um todo, ao mesmo tempo em que se atinge o monopólio da comunicação e em como, segundo Bourdieu (1997) os integrantes desse sistema são tão manipulados quanto os manipuladores, apesar de estarem inseridos em um mesmo contexto. Entra aqui o funcionalismo²: o reconhecimento das pessoas como as funções que desempenham dentro de um sistema. E mesmo dentro de um sistema funcionalista há indivíduos que foram figurados em relações sociais e educados de acordo com suas normas e costumes.

As hipóteses contemporâneas de comunicação relacionadas aos conceitos de Elias

Norbert Elias (1897-1990) foi um sociólogo alemão muito à frente de seu tempo: desde já conseguia observar e estruturar dentro de uma lógica que formulou seus conceitos mais conhecidos: uma sociedade interdependente, configurada e organizada entre relações de poder, que o próprio autor afirma ser inevitável dentro de uma sociedade.

Para que se possa chegar ao ponto de análise do presente artigo – as hipóteses contemporâneas do jornalismo e sua interdependência e as relações de poder – é necessário recapitular o que Elias os conceitos do autor e como eles se relacionam ao campo da comunicação jornalística.

¹Usamos a metodologia de análises bibliográficas.

²Corrente teórica das ciências sociais que surgiu na década de 1930 na Inglaterra. O etnógrafo Bronislaw Malinowski foi um de seus propulsores ao considerar a cultura como um sistema integrado.

Elias considera que os processos sociológicos estão intimamente ligados aos processos históricos, psicológicos, biológicos e educacionais (Delzescaux apud Costa 2017, p. 35). Por isso, não se deve pensar em estruturas estáticas, mas considera-las dinâmicas e sempre em desenvolvimento, além de não considerar as ações sociais como individuais, pois o indivíduo está dentro de uma rede de relações sociais, como aponta Costa (2017).

A mesma relação com a dinamicidade é abordada por Hohfeldt (2007) ao mencionar que as hipóteses contemporâneas de comunicação (*newsmaking*, *agenda setting* e a espiral do silêncio) são nomeadas de “hipóteses” e não “teorias”, justamente por não ser um ciclo fechado, mas algo aberto a transformações:

[...] uma teoria é um paradigma fechado, um modo acabado e, neste sentido, infenso a complementações ou conjugações, pela qual traduzirmos uma determinada realidade segundo um certo modelo. Uma hipótese, ao contrário, é um sistema aberto, sempre inacabado, adverso ao conceito de erro característico de uma teoria. (Hohfeldt, 2007).

Tais hipóteses apenas serão alteradas dependendo das transformações sociais que envolvam o jornalismo e a receptividade das notícias na sociedade e o impacto que ela causa. Mas, assim como qualquer transformação sociológica, os efeitos só poderão ser vistos em longo prazo e sempre ligados ao comportamento dos indivíduos dentro de uma sociedade.

Elias (2001) se afasta da dicotomia indivíduo e sociedade, ignorando que são dois fatores separados, mas estuda a formação social configurada em sujeitos em interdependência, como uma teia. É desse modo que a teoria elisiana é considerada uma sociologia configuracional (Costa, 2017), conceituando em suas obras termos como configuração, interdependência e o processo civilizador.

Elias afirma que “apenas os seres humanos formam figurações uns com os outros” (2006). Uma vez que a estrutura social em processo de transformação é composta por elementos interdependentes entre si. É aqui que se abre o caminho para compreensão e da formação dos indivíduos através do lugar social que ocupam, as relações com normas e com as regras, de acordo com o processo de internalização das emoções de cada um (Costa, 2017).

Para Elias, no livro *Escritos e Ensaios: I*, são essas configurações que formam o estudo do campo da sociologia:

Socialização e individualização de um ser humano são, portanto, nomes diferentes para o mesmo processo. Cada ser humano assemelha-se aos outros e é, ao mesmo tempo, diferente de todos os outros. [...] Seres humanos biologicamente invariáveis podem formar figurações variáveis. Essas figurações possuem peculiaridades estruturais e são representantes de uma ordem de tipo particular, formando, respectivamente, o campo de investigação de um ramo da ciência de tipo particular, as ciências sociais em geral e, também, a sociologia. (Elias, 2006, p. 26)

Outro conceito sociológico fundamental para Elias é o de civilização. O autor aborda a civilização como “pertencente tanto às condições da individualização do ser humano singular como às condições da vida social em comum com seres humanos” (2006). A civilização depende como os indivíduos se constituem em um “eu” e eu como se constituem em uma “sociedade”.

Esse processo de “civilização” pode ser ligado com o processo educacional, já que Elias critica a tipos de coação exterior que desenvolvem a autocoação para “civilizar” as sociedades, mantê-las em um padrão que não beire ao primitivo.

A coação exterior na forma da violência física é menos indicada para a formação de instâncias constantes de autocontrole que a persuasão paciente; coações exteriores que oscilam frequentemente entre a ameaça violenta e a demonstração calorosa de amor são menos indicadas que coações exteriores constantes fundamentadas no calor afetivo, que dá segurança. (Elias, 2006).

Com a definição de figuração e civilização, pode-se entrar no conceito de processo social. O processo social “refere-se às transformações amplas, contínuas, de longa duração de figurações formadas por seres humanos, ou de seus aspectos, em uma de duas direções opostas” (Elias, 2006).

Tais direções representam um caráter em ascensão e um em declínio, do qual se reconhece frequentemente e de modo claro a ruptura de um estágio do processo para outro, conseqüentemente deslocando o poder. Como exemplo dado pelo autor, enquanto a segunda revolução industrial ascendeu na produção automática guiada por computadores, declinaram-se as formas de prestações de serviços e respectivos grupos profissionais que foram substituídos por máquinas.

Na sociedade da informação³ é comum vermos que os processos caminham para a produção de notícias e que pode se estar em um processo que ao mesmo tempo que

³Em CASTELLS, 1999, p. 565., na Sociedade em Rede o poder está nas mãos de quem detém as conexões que ligam as redes de informação, como por exemplo, “fluxos financeiros assumindo o controle de impérios da mídia que influenciam os processos políticos”.

ascende, também declina. Atualmente, é comum vermos notícias em todos os veículos tradicionais chamando para que o espectador seja convidado a enviar informações. Para chegar a esta ciber velocidade, foram necessárias décadas de desenvolvimento de tecnização.

Tecnização é o processo pelo qual, a medida em que progride, as pessoas aprendem a explorar materiais inanimados a uma extensão cada vez mais crescente para o uso da humanidade, tratando-os e os processando, na guerra e na paz, principalmente na expectativa de uma vida melhor. Muitos podem querer limitar o conceito de tecnização a uma época mais recente, uma época onde a presença da tecnologia é acentuada, com processos industriais, produção de armamento e equipamentos dos mais diversos tipos.

Outro fator que influencia como as notícias podem impactar uma sociedade e provocar mudanças também está no fluxo contínuo da informação. “Da manhã à noite, sofremos verdadeira avalanche informacional que, inclusive, nos leva ao conhecido processo de entropia” (Hohfeldt, 2007). A entropia seria o excesso de informações que se não trabalhadas pelo receptor, se perdem. A consequência é o que McCombs (apud Hohfeldt, 2007) define como efeito enciclopédia provocado pela mídia: quando guardamos informações que, repentinamente, lançamos mão, mas não sabemos de onde podemos ter escutado.

Esses fatores estão ligados à teoria do agendamento, uma hipótese contemporânea de comunicação, em que defende a ideia de que os consumidores de notícias tendem a considerar mais importantes assuntos veiculados pela imprensa, ou seja, sugerindo que os meios de comunicação agendam nossas conversas (Pena, 2015).

Assim como Elias coloca tais transformações do processo social a longo prazo, um dos pressupostos da teoria do agendamento também está ligado ao tempo, pois não há, ainda, como medir os efeitos do recebimento de informações sem estudos dedicados a pesquisa-los em longo prazo. Mas, mesmo assim, teóricos já afirmam que:

Os meios de comunicação [...] são capazes de, a médio e longo prazos, influenciar sobre o quê pensar e falar, o que motiva o batismo desta hipótese de trabalho. Ou seja, dependendo dos assuntos, que venham a ser abordados – agendados – pela mídia, o público termina, a médio e longo prazos, por incluí-los igualmente em suas preocupações. Assim, a agenda da mídia de fato passa a se constituir também na agenda individual e mesmo na agenda social. (Hohfeldt, 2007, p. 191)

O ponto em que podemos observar a forte influência de uma mídia na sociedade é quando Hohfeldt aborda que um estudo de McCombs e Shaw evidenciou que eleitores

umentavam a busca de informação à medida que a campanha eleitoral se desenvolvia e aproximava-se da data da eleição, o que mostra o quanto a mídia é intrínseca à sociedade e serve de extensão dos nossos sentidos, pois sem ela, não poderíamos ter o volume de informações que temos agora. Passamos de uma sociedade comunitária, em que todos se conhecem e sabem somente as informações entre si, para sociedade anônima, fruto da urbanização e do processo de massificação dos meios de comunicação que se desdobram para nos deixar informados.

Além da hipótese do agendamento, a hipótese do *newsmaking* pode também representar uma contribuição no que observamos a influência de transformação do jornalismo. O *newsmaking* é a construção social de uma suposta realidade (Pena, 2015). É a sistematização da escolha de notícias através de critérios de noticiabilidade, valores-notícia, construção da audiência e rotina de produção.

É no *newsmaking* que um grupo seletivo de pessoas (no caso, jornalistas) define as pautas que vão “agendar” o cotidiano da população. É aqui que podemos observar o quanto o conceito de figuração de Elias se aplica: para que um jornalista defina o que ele vai escolher como notícia ele segue regras de seu “grupo”, de sua sociedade de jornalistas que o ensinou as regras de noticiabilidade. Ainda que haja essas regras descritas por diversos estudiosos da comunicação, quem define o que entra ou não em um jornal são os donos do meio de comunicação. Uma pequena parcela monopolizadora da transmissão de informação segura o impacto de transformar uma sociedade inteira através das notícias.

Algumas pesquisas feitas entre profissionais indicavam que a recusa ou aceitação de um acontecimento enquanto notícia dependeria muito de uma espécie de conceito difuso do que seja a informação [...] vigente entre os profissionais. [...] As primeiras conclusões admitiram, então, que os processos de comunicação têm em si mesmos uma função de controle social desenvolvido a partir do estabelecimento de práticas socializadas entre seus profissionais, os jornalistas. (Hohfeldt, 2007, p. 205).

Para Elias (2006), há sempre uma fase após grandes processos de transformação que “apresenta, em relação à fase anterior, uma ruptura na dominância decisiva de um centro de poder, cujos representantes anteriormente disputavam, sem chegar a uma decisão, com outros centros de poder”. No caso, podemos observar lentamente como as mídias ditas “livres” estão sendo alternativas às mídias tradicionais nas coberturas e críticas de eventos, principalmente, políticos. Não é possível afirmar como essas transformações influenciam no impacto da notícia, já que como mencionado, são

necessários estudos de longo prazo, porém é uma perspectiva que devemos observar. Mesmo que seja difícil uma mídia consolidada sofrer tremendas alterações, não há como descartar a possibilidade das pessoas que não estão dentro da figuração jornalística de produzir a informação. Porém, o futuro é incerto.

Antigamente, o conceito de humanidade referia-se a uma imagem ideal distante, sempre pacífica e harmônica. Hoje, refere-se a uma realidade rica em conflitos e tensões. Na teoria e na prática, o processo social de uma humanidade que se integra ou se autodestrói com alguma velocidade constitui o enquadramento universal para a investigação de todos os processos sociais específicos. Só assim se abrirá caminho para a discussão de outros problemas relativos aos processos sociais. Se os seres humanos parassem de planejar e de agir, então não haveria mais nenhum processo social. Afinal de contas, essa autonomia relativa dos processos baseia-se na vida em comum de uma pluralidade de seres humanos mais ou menos dependentes uns dos outros e que agem uns com os outros ou uns contra os outros — de seres humanos que estão imersos em uma natureza não-humana. Dessa interdependência contínua resultam permanentemente transformações de longa duração na convivência social, que nenhum ser humano planejou e que decerto também ninguém antes previu. (Elias, 2006, p. 31).

Em contraponto, Marques (2012) afirma que a imprensa ser denominada como Quarto Poder, por ter uma grande influência social, parece um conceito exagerado, já que há uma relação direta de interesses entre as empresas jornalísticas e seus consumidores e com os poderes institucionais tradicionais.

Os jornais e outros meios de imprensa são produtos de consumo, tem determinado poder de influência sobre as pessoas e mesmo alguma capacidade de moldar conceitos e discursos, mas dificilmente determinem detalhadamente os futuros de uma nação, ou mesmo determinada conjuntura, por exemplo. (Marques, 2012)

Como negar o poder que a comunicação dominou desde que criada a imprensa? Os meios de comunicação se tornaram indispensáveis quando falamos em nos integrar à sociedade. Pode-se considerar que quem é desatualizado do que ocorre em seu redor não existe. Pois as configurações da sociedade dependem também de como os indivíduos se integram e, para isso, é necessário que fale a mesma língua e que se entre em sintonia quanto às regras e normas de uma sociedade, assim como explica o processo civilizador (Elias, 2001).

Sendo assim, os meios de comunicação podem se configurar em relações de poder que tem relação com grupos e indivíduos que “podem reter ou monopolizar aquilo que outros necessitam, como por exemplo, comida, amor, segurança, conhecimento, etc.

Portanto, quanto maior as necessidades desses últimos, maior é a proporção de poder que detêm os primeiros.” (Elias, 1994).

Se a imprensa tradicional retém a informação, logo ela se torna um poder dentro de um sistema e um pode reconhecido pelo campo político. De acordo com Hohfeldt:

O estudo de McCombs e Shaw, por exemplo, evidenciou que os eleitores aumentavam a busca de informações à medida que a campanha eleitoral se desenvolvia e aproximava-se da data da eleição, o que podemos confirmar com, absoluta facilidade acompanhando, por exemplo, no Brasil, a audiência aos chamados programas obrigatórios de nossas campanhas eleitorais; essa procura por informações contribui eficientemente para a definição do eleitor em relação aos temas que o levam a decidir-se pelo candidato a quem confiará seu voto e, conseqüentemente, influencia o próprio resultado eleitoral. (Hohfeldt, 2007)

As relações de poder, segundo Elias, também abordam como as pessoas são vistas como funções dentro desses sistemas. No que diz que: “quanto mais pessoas são tornadas dependentes pelo mecanismo monopolista, maior se torna o poder do dependente, não apenas individual, mas também coletivamente, em relação a um ou mais monopólios”. (ELIAS, 1990).

Nesta forma, há o conflito jornalístico em que quem trabalha com a mídia tradicional não se vê como manipulador em questão, mas como parte de um sistema de trabalho. Enquanto, jornalistas são julgados por tratarem de “manipular” notícias, a medida que não há como ser imparcial em alguma relação, pois a vivência do indivíduo e suas relações com a sociedade fazem parte do seu “eu”.

Segundo Bourdieu (1997) quanto mais se compreende como se passa uma estrutura de televisão, mais se entende que aqueles que participam são tão manipulados quanto os manipuladores, mostrando que o processo televisivo é uma forma de violência simbólica. “A violência simbólica é uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com frequência, dos que a exercem, na medida que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou sofrê-la” (Bourdieu, 1997).

Como afirmam Gebara e Lucena (2005)

A interdependência entre as classes sociais e os indivíduos, dá margem a uma maior divisão de funções e a criação de instituições mais sólidas e, cedo ou tarde, ‘forçam’ o poder monopolista a relação de dependência funcional diante de grupos com menor coeficiente de poder. (Gebara e Lucena, 2005)

Tal discussão mostra como os conceitos de Elias, processos e figurações, podem ser aplicados e relacionados à sistemas que, de algum modo, mostram poder, são formados por teias paralelas, quando se fala de interdependência e configuradas em uma relação que depende dos indivíduos em si e dos indivíduos em conjunto formando a sociedade.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O campo jornalístico pode ser relacionado como uma relação de poder que atinge a sociedade em diferentes aspectos, seja na questão da informação, seja em um ponto que há um grupo de indivíduos dentro de um sistema que influenciam outros indivíduos diariamente, mantendo um monopólio ao mesmo tempo que esses indivíduos jornalistas não se dissociam do grupo das pessoas para quem escrevem, pois as transformações sociais que ocorrem em função da distribuição de informações (seja no campo político, econômico, científico ou social) nos atinge como um todo.

O artigo não tem a intenção de chegar a uma conclusão quanto ao próximo passo do sistema da comunicação tradicional, mas de promover uma reflexão de que estamos todos inseridos em uma rede de relações dependentes um dos outros e, mesmo quem produz a notícia não está dispensado dessas transformações.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Seguido de: A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

COSTA, André Oliveira. **Norbert Elias e a configuração**: um conceito interdisciplinar. Configurações [Online], 19 | 2017. Disponível em: <http://journals.openedition.org/configuracoes/3947>

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

ELIAS, Norbert (2006), **Escritos & Ensaios: 1** – Estado, processo, opinião pública, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

ELIAS, Norbert (2001) [1969], **A Sociedade de Corte**: Investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994a.

FRANÇA, Vera Veiga, HOHLFELDT, Antônio e MARTINO, Luiz. **Teorias da Comunicação**: conceitos, escolas, tendências, Petrópolis, Vozes, 2007.

GEBARA, Ademir. LUCENA, Ricardo de F. **O poder e cotidiano**: breve discussão sobre o poder para Norbert Elias. IX Simpósio Internacional Processo Civilizador. Ponta Grossa, PR. Nov, 2005.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 2000.

MARQUES, Mauro Luiz Barbosa. **Jornalismo e imprensa**: relações com o civilizado, o histórico e o político. Revista Crítica Histórica. Ano III, N° 5, Julho de 2012.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2012. 3ª.ed.

RAMONET, Ignacio. **A tirania da comunicação**; tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.